

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JEAN-DANIEL POLLET, A MATÉRIA DO MUNDO
18 de Março de 2022

JOUR APRÈS JOUR / 2006

um filme de Jean-Daniel Pollet e Jean-Paul Fargier

Autoria: Jean-Daniel Pollet / **Realização:** Jean-Paul Fargier / **Argumento:** Jean-Daniel Pollet em colaboração com Françoise e Leila Geissler / **Texto da voz off:** Jean-Paul Fargier **dito por:** François Chattot / **Imagem:** Jean-Daniel Pollet / **Música:** Antoine Duhamel / **Montagem:** Sandra Paugam / **Som:** Emmanuel Soland / **Produção:** Ex Nihilo (Marie Balducci, Patrick Sobelman) / **Cópia:** de La Traverse, em DCP (original em 35mm), cor, falada em francês e legendada electronicamente em português / **Duração:** 68 minutos / **Primeira apresentação pública:** 7 de Julho de 2006, Festival international du Film de La Rochelle / **Estreia Comercial:** 21 de Fevereiro de 2007, França / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: 18 de Junho de 2018, Ciclo “24 Imagens – Cinema e Fotografia”.

PARLE-MOI ENCORE / 2016

um filme Jean-Paul Fargier

Realização e Argumento: Jean-Paul Fargier / **Imagem:** Hugues Landry / **Som:** Dominique Ciekala / **Montagem:** Sandra Paugam / **Produção:** Atopic, La Bête, La Traverse, Magnolias Films / **Produção Executiva:** Maina Waezi, Sophie Doleans / **Série:** “Cinéma de Notre Temps”, de Janine Bazin, André S. Labarthe / **Cópia:** de La Traverse, em ficheiro, cor, falada em francês e legendada electronicamente em português / **Duração:** 57 minutos / **Primeira apresentação pública:** / Primeira exibição na Cinemateca.

duração total da projecção: 122 minutos.

“Liguei-me de tal forma ao Mediterrâneo, que não me sinto nada deslocado. É, portanto, o Mediterrâneo no interior: é aqui. Falta o mar, evidentemente, mas o mar, tenho-o dentro da cabeça.”

(das palavras introdutórias do filme ditas por Jean-Daniel Pollet)

Jean-Daniel Pollet é autor de uma obra extremamente singular conotada frequentemente com um cinema poesia e com uma melancolia, que se materializaram ao longo dos anos em filmes tão emblemáticos e poderosos como **Méditerranée** (1963) ou **Dieu sait quoi** (1995). **Jour après Jour** é um filme póstumo concebido quase exclusivamente a partir de imagens fotográficas que realizou durante um ano pouco antes da sua morte, em 2004. Imagens que foram registadas na sua quinta em Cadenet, no Vaucluse, no Sul de França,

um “décor” paradisíaco e florido que conhecemos de outros dos seus filmes e que vemos evoluir ao sabor da variação das estações do ano, entre o Outono de 2002 e o Outono de 2003.

Assinado a quatro mãos, **Jour après Jour** foi na prática realizado por Jean-Paul Fargier a partir da ideia de montagem registada no papel por Pollet. Um filme que, como confessa Fargier em *Jour après jour, Le film-testament de Jean-Daniel Pollet* (editado pelos *Cahiers du Cinéma*) surgiu na sequência da tomada de consciência de que Pollet não teria a força física para conduzir a rodagem de *Plein Ciel*, longa-metragem com base num argumento que ambos tinham escrito em conjunto durante dois anos a partir de um texto de Petrarca, e que deveria dar origem a filmagens ao longo de várias semanas numa zona de grande altitude com uma equipa tradicional. Face a tal impossibilidade, Pollet resolveu dedicar as suas últimas forças a um “filme-testamento” assente em fotografias do espaço que habitava. Imagens que realizou, seleccionou e organizou em álbuns cujas páginas quadripartidas constituíam os primeiros ensaios de montagem do filme. Um trabalho que contou com colaboração da sua mulher Françoise Geissler, que com ele montou vários dos seus filmes.

A Fargier foi pedido por Pollet que compusesse o texto *off* deste filme, que foi escrito e reescrito ao longo de uma troca de correspondência que prosseguiu durante um ano por fax. Um texto que partiu de uma forte relação de cumplicidade, das múltiplas visitas de Fargier à casa de Pollet, e das muitas fotografias a que foi tendo acesso e que lhe serviram de base. Como confessa Fargier num artigo publicado na revista *Trafic* “Sem me dar verdadeiramente conta do que construía, dava por mim a escrever frases na primeira pessoa. Inventava o que poderia passar pela cabeça de um cineasta face àquele que sabia ser o seu último filme”. Aqui Fargier recorre a um “je” ficcional que se opõe claramente ao “on” de **Méditerranée**, cujo texto é da autoria de Philippe Sollers. E se Fargier começou a escrever sem grandes indicações de Pollet, quando este se confrontou com a direcção que o texto levava, facultou-lhe uma lista de cinquenta palavras que inspiraram a sua continuação e que são enunciadas no próprio filme.

A um trabalho com séries de imagens, habitual na obra de Pollet, juntava-se assim um trabalho com séries de palavras, que são assumidas como as premissas de um jogo. Em Julho de 2004, data da última visita de Fargier a Pollet, surgiu ainda a oportunidade para a última revisão da organização das fotografias e do lugar das palavras e definiu-se parte da partitura que orientaria a finalização do filme. E o mesmo cuidado que foi colocado na selecção das imagens e na sua relação com o texto, foi colocado no trabalho do som, em que, face aos conjuntos de imagens, foram aplicados sons naturais e sons mais simbólicos que contribuem fortemente para a complexidade e espessura do filme.

No fundo, **Jour après Jour** trata de um face-a-face com o universo e com a morte de um homem que percebemos doente e confinado a uma cadeira de rodas, retratado directamente nas primeiras imagens do filme. Imagens rodadas em vídeo que precedem e contrastam com as fotografias que se seguem, em que Pollet enuncia na primeira pessoa e com uma voz arrastada o seu propósito: “Querida ver se com a máquina era capaz de durar mais tempo, de fotografar dia após dia. A aposta era não passar um dia sem tirar fotografias: uma no mínimo, e não havia máximo. Procuro aplicar tanta energia nas fotografias, quanto aquela que as flores me dão.”

Às fortíssimas palavras de Pollet segue-se o texto de Fargier, que desenha reflexões sobre a imagem, o cinema, a fotografia, a vida e a morte, ao mesmo tempo que se sucedem várias séries de admiráveis imagens fixas, que reenviam para as transformações da paisagem ao longo das quatro estações do ano, contribuindo o texto para o movimento dessas mesmas imagens. Mas, como dizem as palavras de Fargier no filme, “O movimento das imagens nunca coincide com o movimento das palavras”. As segundas, na sua inevitável exterioridade, permanecem sempre aquém da força das fotografias de Pollet, pois é nelas que reencontramos a justeza, a materialidade e a poesia de toda a sua obra.

Dez anos depois, em **Parle-moi encore**, Jean-Paul Fargier regressa ao universo de Pollet ao realizar um episódio para a série **Cinéma de notre temps** sobre o seu grande amigo e companheiro de viagem, onde aponta as recorrências do cinema de Pollet: a Grécia Antiga, Claude Melki, a importância dos textos, a relação entre imagem fixa o trabalho sobre a duração. É como um regresso ao passado, pois aqui reencontramos Pollet ainda novo, noutra episódio da mesma série – **La nouvelle vague par elle-même** – a falar sobre filmes como a primeira curta-metragem **Pourvu qu'on ait l'ivresse**, ou num outro programa televisivo a falar sobre a primeira longa-metragem que realizou e que sempre recusou mostrar em vida, **La Ligne de mire**. À semelhança de **Jour Après Jour**, **Parle-moi encore** é também uma viagem, mas uma viagem de outra natureza. Uma viagem pelo cinema de Pollet e por muitas imagens e sons dos seus filmes, em grande parte comentados pelo próprio cineasta em momentos diferentes da sua vida. Fala-se de “raccords impossíveis e não narrativos” a propósito de **Méditerranée**, mas também se alude à força de **La Ligne de Mire**, “um começo antes do começo”, dada a sua quase total invisibilidade.

Pollet e Claude Melki, o seu actor de muitos filmes, são entrevistados a propósito de **L'Acrobate** à data de estreia do filme, regressando o realizador ao filme muitos anos depois. São “dissecados” vários outros filmes, mesmo os mais atípicos como **Le Sang**. O poderosíssimo **L'Ordre** é aproximado a **Le Horla**, abordando-se a relação entre um filme sobre a loucura baseado num conto de Maupassant e outro que parte da questão da lepra para abordar os limites da própria humanidade. Face a **Méditerranée** insiste-se na sua montagem; repetitiva, materialista, revolucionária, e é a seu propósito que Pollet descreve (ainda em **La Nouvelle vague par elle-même**) como “Querida fazer uma montagem que exteriormente fosse próxima dos filmes de Resnais, próximo de *nouveau roman*, próxima da analogia entre as coisas, não por contraste”. E é face ao mesmo filme que se aborda ainda uma questão sensível para Pollet: o quanto o sucesso e aclamação generalizada desse que desde cedo foi considerada um filme de culto contribuiu para apagar os seus outros filmes, e como um sistema de montagem tão conotado com os mecanismos da memória já tinha sido ensaiado em **La Ligne de mire**.

Evocam-se os sete filmes realizados na Grécia, os famosos movimentos de câmara, o facto de não ter explorado mais a via da comédia que se manifestava nas suas primeiras ficções, o acidente que quase matou Pollet no final dos anos oitenta, quando ao

experimentar uma câmara foi apanhado por um comboio, acontecimento evocado nos próprios filmes, de que vemos imagens.

Parle-moi encore é assim simultaneamente uma excelente introdução à obra de Pollet, mas também um repositório de documentos exemplares que permitem, no seu conjunto, uma melhor compreensão da obra do cineasta. Um documentário desenvolvido por alguém tão próximo de Pollet, que em 2020 retomaria novamente a primeira pessoa, o “je” de **Jour Après Jour**, para escrever uma autobiografia do cineasta: *La Vie Retrouvée de Jean-Daniel Pollet*. Livro e editado em 2020 pelas Les Éditions de L’Oeil/La Traverse, cujo trabalho em torno da obra de Pollet nos últimos anos tem sido decisivo para que hoje possamos rever e redescobrir a obra deste ainda secreto cineasta.

Joana Ascensão